



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

A CONSTRUÇÃO IDENTÁRIA FEMININA EM MUKAI, DE ANA PAULA TAVARES

Gabriela da Paz ARAÚJO (UEPB/PPGLI/CAPES)
Rosilda Alves BEZERRA(Orientadora / UEPB/PPGLI)

Resumo:

Nesse trabalho será analisado o poema MUKAI de Ana Paula Tavares, este que faz parte da coletânea de poemas que compõem o livro *O lago da lua* (1999). O contexto histórico de Angola é essencial para essa análise, pois é necessário compreender o papel feminino nessa sociedade, com referência direta na dura realidade vivenciada por essas mulheres. Tem-se como objetivo o estudo da representação feminina, por meio da utilização da simbologia africana, para caracterizar a personalidade das mulheres angolanas, que em sua grande maioria sofrem pela opressão machista, desencadeada por gerações anteriores, mas que influencia diretamente na construção identitária das mesmas. Esse trabalho se constitui por meio de pesquisas bibliográficas, que estabelecem o percurso histórico com a realidade vivida nesse país. Os resultados são obtidos em meio à compreensão da construção de identidade das mulheres angolanas, a partir do intuito de retratar o seu papel social.

PALAVRAS-CHAVE: IDENTIDADE; MULHER; SIMBOLOGIA.

1 INTRODUÇÃO

O objeto de estudo desse trabalho é a poesia de Ana Paula Tavares que se constitui a partir das seguintes temáticas: corpo, representação da mulher, erotismo e memória. Temos por objetivo a análise das temáticas destacadas, visando ainda à representação social da mulher em Angola e as influências negativas da imposição do machismo para com essas mulheres, que vivem uma prisão dentro de si mesma.

Miticamente, a arte literária tornou-se uma representação autêntica das manifestações culturais, deixando de ser entendida como apenas uma idealização humana, como acreditavam os românticos, para ser uma criação ligada diretamente à vontade íntima do homem e da



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

sociedade. Nesse sentido é observável que a literatura e a sociedade estabelecem entre si, uma relação de sentidos que vem marcada pela interdependência e pela reciprocidade, sendo então respectivamente notável o caráter estético da literatura e a reflexão quanto aos aspectos políticos da sociedade. A literatura desenvolvida por Ana Paula Tavares se insere em um cenário diversificado, marcado por guerras, administração corrupta, preconceito e uma grande diversidade cultural.

Angola apresenta uma população de cerca de 14 milhões de habitantes, que originaram-se em grande maioria do povo *bantu*. Os grupos étnicos iniciaram a sua estruturação a partir do século XII formando reinos autônomos. Estes novos reinos centralizavam o poder em um chefe de linhagem denominado Mani, que ganhava respeito da comunidade, por ter prestígio e poder econômico. Por volta de 1.400 é formado o reino do Congo, que tinha autoridade sobre a maior parte do norte do território que é ocupado por Angola. O reino do Ndongo era situado mais ao sul e habitado pelos Kimbundos, seu rei era intitulado por Ngola o qual originou o nome Angola.

A poesia de Ana Paula Tavares aborda temas como: corpo, mulher, erotismo e memórias, as imagens construídas, são formadas por metáforas que se remetem a ancestralidade, a corpos amargurados e a sentimentos e sensações distantes. Em torno desses elementos, a memória segue por um caminho que reconduz um contexto cultural bastante amplo, mas que nos propicia o repensar da própria história, decorrente do presente.

O discurso poético estruturado pela poetisa repudia as algemas que restringem a liberdade das mulheres Angolanas, sugerindo uma novaliberdade que infringe qualquer tipo de convenção ou padrão literário, no intuito de mostrar com seu discurso a sensualidade feminina, que por tanto tempo, foi alienada. Com isso é plenamente capaz de confrontar a atemporalidade da linguagem poética, através de uma poética de diversos sentidos que compõem o mosaico que se descortina.

2 IDENTIDADE E REPRESENTAÇÃO DA MULHER

É importante considerar que as identidades nacionais não nascem nos seres humanos como heranças genéricas, e nem as pessoas são seres passivos de uma nação, ou seja, eles



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

participam da ideia de nação e são os representantes da sua cultura, a transformando a partir da interação com outras culturas, logo que esse indivíduo inserido, no mundo é produtor de cultura e responsável pela configuração da história de sua época.

Contextualizar o poema não é simplesmente datá-lo: é inserir as suas imagens e pensamentos em uma trama já em si mesma multidimensional; uma trama em que o eu lírico vive ora experiências novas, ora lembranças da infância, ora valores tradicionais, ora anseios de mudança, ora suspensão desoladora de crenças e esperanças. A poesia pertence à História Geral, mas é preciso conhecer qual é a história peculiar imanente e operante em cada poema (BOSI, 2000, p. 13).

O *Lago da Lua* foi publicado em 1999, além de dar nome ao livro é também o poema inicial do mesmo e já anuncia as temáticas que estão por vir memória, simbologia, mulher e terra.

No lago branco da lua
Lavei meu primeiro sangue
Ao lago branco da lua
Voltaria cada mês
Para lavar
Meu sangue eterno
A cada lua
No lago branco da lua
Misturei meu sangue e barro branco
E fiz a caneca
Onde bebo
A água amarga da minha sede sem fim
O mel dos dias claros.
Neste lago deposito
Minha reserva de sonhos
Para tomar. (TAVARES, 1999, p. 11)

A mulher e a natureza estabelecem uma relação íntima em todo o texto e, esse sentido, liga-se diretamente ao feminismo que se caracteriza pela simbologia: à noite, a lua, a água. Nessa perspectiva, a integração entre mulher e natureza é algo evidente e, esta natureza se estabelece como testemunha das transformações ocorridas no corpo feminino, que passa de menina para mulher, figurado no poema pela imagem da primeira menstruação.

O sangue escorre diariamente de corpos com feridas e cicatrizes com a espessura de séculos e vai manchando ciclicamente a terra e a casa-corpo. Por isso, o “lago da lua”, onde as mulheres lavam o seu primeiro sangue, não é um lago simples que corre como um rio escorreitamente para o mar. “O lago da lua” é um lago bloqueado, mas que poeticamente constitui um arquivo de evasão e de



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura
sobrevivência, no qual o sujeito poético deposita seus sonhos. (RIBEIRO, 2010, p.
146)

O sangue derramado na menstruação é apresentado através de ciclos, assemelhando-se diretamente com as fases da lua, apresentando um tempo imemorial, que fortalece os laços com ancestralidade, ligando o eu lírico à natureza e conseqüentemente ao seu povo: “O meu sangue eterno”.

A imagem do lago remete aos sonhos que resistiram à dor e à guerra, funciona como espelho onde o sujeito poético procura a identidade esboroadada. A terra e o barro, embora sua textura não apresente reflexos como os das águas lacustres, guardam, de outra maneira, uma função especular que se evidencia no trabalho criativo das oleiras, cujas mãos moldam peças singulares em terracota, gravando, na memória da argila, fragmento de suas histórias. (SECCO, *In*:PADILHA& MATA, 2006, p.393)

Nesse contexto, a literatura é usada como cenário, que é testemunha das transformações do eu lírico na primeira estrofe e segunda estrofe, *No lago branco da lua / lavei meu primeiro sangue*. Sangue (mulher) e barro (terra) constituem um sentimento extremamente forte, que permite diretamente ao eu lírico viver o amargor e o doce da vida, assim o poema reintera uma imagem mítica da mãe terra como sendo aquela que literalmente gera e nutre.

A poesia de Paula Tavares se faz também guardiã da palavra e da memória ancestrais, embora estas sejam estética e criticamente sempre recriadas. O lirismo de Paula se engendra, pois, como uma rede múltipla que conjuga signos da modernidade e da tradição. Um dos eixos que permeia sua trajetória poética é a consciente opção por romper o silêncio que, em grande parte, envolve as mulheres angolanas, em particular as originárias das etnias do sul de Angola, onde a pastorícia e a agricultura definem o modo de vida, os ritos, os contratos, enfim, os costumes e a história desses povos. (SECCO, 2008, P. 16)

O poema faz uma relação de integração entre lua, noite e sangue eterno, elementos que têm papel de fortalecedores da identidade e formadores de laços culturais profundos, pois a natureza se identifica como um tempo um espaço que acolhe, identificado assim por quem busca um espaço agradável, seja Angola, seja o Continente Africano. A terra é identificada como elemento primordial na transformação da matéria, criando objetos novos em conjunto com a mulher, sendo representado a fertilidade, a partir da associação entre mulher-mãe/terra, por serem consideradas produtoras vivas. Todo esse mito é configurado em decorrência da



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

crença na Deusa Mãe ou da Mãe Terra. Assim como nos ensina Jean Chevalier e Alain Gheerbrand, no *Dicionário de símbolos* (2002, p.878-9), a Terra é a:

Substância universal - o caos primordial, e primeira matéria (...), segundo o Gênesis - matéria de que o Criador molda o homem. A terra é avirgem penetrada pela lâmina ou pelo arado, fecundada pela chuva ou pelo sangue, o sêmen do céu. Universalmente, a terra é uma matriz que concebe as fontes, os minerais, os metais. Simboliza a função maternal: dá e rouba a vida.

A denúncia e a resistência se fazem presentes no discurso de Ana Paula Tavares, no intuito de mostrar em sua poesia a sexualidades reprimida, os abusos, a dor e o silêncio imposto pelo machismo as mulheres, sendo elas relativas da tradição rural, quanto as que habitam na cidade não possuem uma situação dissociada e sim uma mesma e dura realidade. A sua poética se propõe relevar aquilo que está silenciado, seja pelas culturas locais, quanto pela cultura do colonizador, denunciando o silêncio imposto pelas próprias tradições negras, que se fundamentam no poder centrado diretamente no homem.

Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho. Se assim é, deve-se duvidar da sobrevivência do passado, “tal como foi”, e que se daria no inconsciente de cada sujeito (BOSI, 1994, p. 55).

MUKAI é uma série de quatro poemas que são grafados em caixa alta, visando o rompimento do silêncio das mulheres Angolanas, desde o título. Cada poema busca revelar aspectos considerados pertinentes que englobam diretamente a realidade desse universo feminino. A leitura feita nesse estudo é representativa quanto o papel feminino nessa sociedade, buscando também a identificação de elementos eróticos que fazem parte da obra.

MUKAI (1)

Corpo já lavrado
equidistante da semente
é trigo
é joio
milho híbrido
massambala
resiste ao tempo



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

dobrado
exausto
sob o sol
que lhe espiga
a cabeleira.
(TAVARES, 1999, p. 30.)

A estrutura do poema sugere a imagem de semicírculos estilizados, atribuindo, portanto, um sentido mais conotativo dos ciclos da vida. É também composto de doze versos livres dispostos graficamente em duas estrofes.

A escrita é simbólica e constatemente faz uma analogia correspondente ao corpo da mulher e o corpo da terra. A expressão “*lavar a terra*” está relacionada diretamente com o ato sexual. O corpo lavrado, presente no primeiro verso simboliza a comparação entre a terra fecundada, por ter sido arada e a fecundação, por representar o estado de gestação da mulher. Simbolicamente são escritos os cereais produzidos distante da semente mesmo gerados do corpo da terra/mulher como o: o trigo, o milho, a massambala, cereal típico de Angola, até o joio, visto como um elemento negativo. Esse corpo, caracterizado como maduro e produtor é visto dessa forma, por não se deixar vencer nem pelo cansaço nem pelo tempo. O poema traz o sol como fecundador, aquele que dá a vida, sendo também considerado o doador de beleza, que faz a terra representada como mulher ficar exposta para ele. Nesse contexto, a lua representa também um papel feminino. O que se torna observável é a dependência da mulher, que fica sempre limitada às ações de gerar e de ficar submissa ao sol/homem.

MUKAI (2)

O ventre semeado
desagua cada ano
os frutos tenros
das mãos
(é feitiço)
nasce
a manteiga
a casa
o penteado
o gesto
acorda a alma
a voz
olhap'ra dentro do silêncio milenar.
(TAVARES, 1999, p. 31)



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

A estruturação de MUKAI (2) se estabelece ao retratar o roteiro da realidade vivenciada pela mulher dentro das sociedades tradicionais, por meio da utilização de analogia temos a representação do ciclo reprodutivo da mulher e da natureza: “*deságua a cada ano / os frutos tenros*”. No quarto verso é apresentado um duplo sentido, podendo ser entendido como os frutos da mulher advindos de uma gestação, como também podem ser os frutos gerados pela terra em uma germinação. Esses processos são desenvolvidos a partir das mãos da mulher que semeia característica identitária das sociedades rurais angolanas, que encarregam o cuidado com a terra e o plantio como tarefa de característica feminina, assim como as demais tarefas que são citadas nos versos posteriores: bater a “*manteiga*”, cuidar da “*casa*”. A palavra “*é feitiço*” detém diferentes sentidos, representando não apenas o milagre da reprodução da mulher e da natureza, como também o erotismo presente no corpo feminino que mesmo sofrido ainda tem o poder de encantar os homens. “*A corda a alma*” como uma condição feminina que penetra na sua própria consciência identificando assim que vivem em um “*silêncio milenar*”.

MUKAI (3)

(Mulher à noite)
Um soluço quieto
desce
a lentíssima garganta
(rói-lhe as entranhas
um novo pedaço de vida)
os cordões do tempo
atravessam-lhe as pernas
e fazem a ligação terra.
Estranha árvore de filhos
uns mortos e tantos por morrer
que de corpo ao alto
navega de tristeza
as horas.
(TAVARES, 1999, p. 32)

Em MUKAI (3) a fecundidade feminina e a sexualidade são as temáticas que caracterizam os versos, desde que a sexualidade não é constituída como um ato erotizado de comunhão dos amantes, mas sim como uma maldição, não existindo prazer e nem amor, mas uma relação animalizada, sem nem sentimento. Essa relação animalizadora é sugerida pelo



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

parêntese que marcam o quarto e o quinto versos, por insinuarem uma situação dolorosa, involuntária que se caracterizam nas palavras: “*rói-lhe*”, “*entranhas*”.

MUKAI (4)

O risco na pele
Acende a noite
enquanto a lua
[por ironia]

ilumina o esgoto
anuncia o canto dos gatos
De quantos partos se vive
para quantos partos se morre.

Um grito espeta-se faca
na garganta da noite
recortada sobre o tempo
pintada de cicatrizes
olhos secos de lágrimas
Dominga, organiza a cerveja
de sobreviver os dias.
(TAVARES, 1999, p. 33)

A composição desse poema é estruturada em três estrofes que constituem um sentido de dor. A primeira estrofe é marcada pela inexistência de prazer, no entanto, a noite traz riscos e a lua ilumina o “*esgoto*” com o barulho dos “*gatos*”. A mulher é considerada como se fosse um animal reprodutor, retratado no sexto e sétimo versos “De quantos partos se vive para quantos partos se morre”, esse discurso é ainda caracterizado pela amargura presente e ressaltada pelo uso de chaves “[*por ironia*]”, na terceira estrofe o que se sobressai é opressão machista: no “*grito*” a “*dor*”; na “*faca*”.

A última estrofe é marcada pela existência do ciclo semanal, que começa no primeiro dia da semana “*Dominga*”, início da rotina de sobrevivência, pois o corpo feminino está triste, cansado e pintado de cicatrizes.

É evidenciado por Ana Paula Tavares o “ser mulher” na sociedade Angolana, portanto torna-se complexo a construção da identidade feminina, por ainda ser existente no processo de adaptação e dos valores o encarceramento da mulher em seu próprio mundo.



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A poetisa Ana Paula Tavares contempla em seus poemas a imagem cultural da oralidade e da realidade Angolana, revelando a dura realidade por meio de novas palavras que buscam encarnar as vozes das mulheres que foram caladas ao longo do tempo. Tal cenário é construído por meio da simbologia do corpo, da representação da mulher, do erotismo e da memória como um mosaico que se descortina.

A mulher é representada e comparada diretamente com a natureza, e o corpo é exposto ao universo dos afetos, sendo marcado pela trajetória da memória e da vivência dos povos Africanos e as suas condições socioeconômicas. São representadas no poema temáticas como: mulher e homem, sol e lua, e corpo da mulher.

Nessa perspectiva histórica e cultural, Ana Paula Tavares busca fazer uma denúncia sobre o papel feminino na sociedade Angolana, que considera o passado, como elemento do presente através da preservação da sabedoria dos ancestrais, por conta da prevalência do respeito.

REFERÊNCIAS

- BEZERRA, Kátia da Costa. Paula Tavares: *uma voz em tensão na poesia angola dos anos oitenta*. *Estudos portugueses e africanos*, UNICAMP, n. 33-34, p. 49-57, Campinas, jan.-dez.1999.
- BOSI, Alfredo. *O ser e o tempo da poesia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- CHEVALIER, Jean, Gheerbrant. Tradução de Vera da Costa e Silva ... et. al. *Dicionário de Símbolos: (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números)*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1977.
- FERREIRA, Manuel. A propósito da novíssima poética angolana. *Letras & Letras*, n. 70, p. 8, maio 1992.
- HEGEL. *Estética; poesia*. Lisboa: Guimarães, 1980.
- MORIN, Edgar. *Amor, poesia, sabedoria*. Trad. Edgar de Assis Carvalho. 6. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- PADILHA, Laura (org.) (2007), *Bordejando a Margem: poesia escrita por mulheres (uma recolha do Jornal de Angola, 1954-1961)*. Breve Antologia. Luanda, Kilombelombe.



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

RIBEIRO, Margarida Calafate. A heritage of one's own: a conversation with Ana Paula Tavares. *Ellipsis: Journal of the American Portuguese Studies Association*, [S.l.], v. 5, p. 147-152, 2007.

RIBEIRO, Margarida Calafate. *Poder e conhecimento na poesia de Ana Paula Tavares*. In África, *Escritas Literárias – Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe*. (Orgs.: Carmem Tindó, Teresa Salgado, Silvío Jorge). Editora UFRJ – UEA (União dos Escritores Angolanos), 2010, p. 146.

SECCO, Carmem Lúcia Tindó. “Carlos Drummond de Andrade: ‘o poeta de Itabira’ evocado em África”. In: CHAVES, Rita, SECCO, Carmen & MACÊDO, TÂNIA [org]. *Brasil/África: como se o mar fosse mentira*. São Paulo: Editora UNESP; Luanda, Angola: Chá de Caxinde, 2006.

TAVARES, Paula (1999), *O Lago da Lua*. Lisboa, Caminho.

TAVARES, Paula (2007a), *Ritos de Passagem*. Lisboa, Caminho.

TAVARES, Paula (2007b), *Manual para Amantes Desesperados*. Lisboa, Caminho.